

# Lavoura arcaica: uma família, um complexo de amor e cinzas

ELZA FERREIRA SANTOS

## introdução

A literatura tem uma forma especial de explicar o mundo, de compreender os dramas do ser humano. Partindo desse pressuposto, optamos por utilizar como objeto de nossa pesquisa o enredo de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. Este trabalho assinala o início da nossa pesquisa acerca das relações incestuosas entre irmãos. Aqui no congresso Família e Inconsciente, julgamos oportuno tratar desse assunto, pois uma relação incestuosa não se limita aos praticantes: ela invade todas as relações familiares, ela inquieta os membros e, não raro, os atormenta e envergonha. No romance, o incesto é um sintoma e aponta o emaranhado, a confusão que se passa no âmbito familiar: “tinha corredores confusos a nossa casa”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Nassar. *Lavoura arcaica* (2002, p.44).

## a trama

O paulistano Raduan Nassar publicou em 1975 o seu primeiro livro. Sua obra invoca a dimensão do humano, do existencial, do amor e da dor. Sua obra mexe com o “estranho”, mexe com aquilo com que cada um de nós já teve um dia de se deparar: o amor pelo proibido. Escrito em prosa poética, numa linguagem densamente metafórica, André, o narrador, tece seu drama entremeadado ao drama da família.

André, concebido em uma família tradicional, patriarcal, rural, religiosa, resolve fugir de casa. Pedro, seu irmão mais velho, imbuído da ordem e do desejo dos outros membros da família, foi buscá-lo. Encontrou o irmão em um quarto escuro, sujo, asqueroso, porém não muito diferente da alma, do estado de André. Este, assustado, não só porque viu o irmão, mas também porque Pedro o repreendeu diante do ato masturbatório em que se encontrava, resolveu, passado o susto, revelar as razões que o fizeram sair de casa.

Em uma fala, por vezes delirante, convoca o irmão e também o leitor a conhecer o seu lar, pois André conhecia mais que todos o corpo da família inteira. Ele havia incursionado através dos “corredores”, dos “cestos de roupa suja”, havia escutado das “portas” os gemidos, as pulsações e a volúpia; afinal, diz o protagonista, ninguém amou mais a família do que ele.

Pedro, representante do pai, cumprirá sua missão: “devolver o filho tresmalhado ao seio da família”.<sup>2</sup> Mas não devolverá a paz que outrora a família julgava ter. Uma vez revelado o segredo/pecado ao irmão/pai, não há mais como escondê-lo. Na festa, realizada para festejar o regresso do filho desgarrado, eclodirá a sombria revelação; assim, a lei foi usurpada, o patriarca foi ferido e o rebanho caiu exasperado.

<sup>2</sup> *Ibid*, p. 18.

### a família

Estamos diante de uma família patriarcal, apegada ao solo e às tradições. Aliás, o arcaico evoca as relações de trabalho e poder numa fazenda paulista. O arcaico é o antigo, sempre vivo dentro de nós. É o latente, mas pode eclodir a qualquer instante. É o existente, mas não mensurável. É o real sem sentido do qual ninguém escapa. Nem André, a personagem, nem nenhum de nós.

Por outro lado, lavoura é o labor literário, o trabalho astuto e minucioso com a palavra. Lavoura é o plantio, é o construir e desconstruir os laços do “complexo familiar”. Assim, o pai convoca os filhos e filhas a fazerem a lavoura. Contudo, a autoridade dele se confronta com a ternura excessiva da mãe. Portanto, há os que fogem do plantio e ficam à sombra da copa materna.

Nessa família, aparentemente, tudo está sistematizado: o pai senta-se à cabeceira da mesa, do seu lado direito está Pedro, o filho mais velho, bom e trabalhador, o modelo a ser seguido; depois dele vêm Rosa, Zuleika e Huda. Do lado esquerdo do pai, está a mãe seguida de André, Ana e Lula. Andrula (apelido de André) está entre as duas mulheres de sua vida: mãe e irmã. Pedro é o filho mais próximo do pai, André é o filho mais próximo da mãe e também serve de modelo para o caçula. O lado esquerdo do pai trazia “o estigma de uma cicatriz”, era como se a mãe fosse “uma anomalia”.<sup>3</sup> Na outra cabeceira, há um lugar, agora vazio, antes ocupado pelo avô.

<sup>3</sup> *Ibid*, p.156-57.

O pai sempre pregava paciência, trabalho e união. É se entregando à família, acreditava o pai, que:

cada um em casa há de sossegar os próprios problemas, é preservando sua união que cada um em casa há de fruir as mais sublimes recompensas; a nossa lei não é retrair, mas ir ao encontro, não é separar, mas reunir, onde estiver um há de estar o irmão também...<sup>4</sup>

<sup>4</sup> *Ibid*, p. 148.

A família se basta. Parece ter sido esta a compreensão que teve André. Pois, mesmo quando fugiu de casa, não se achava longe dela, ao contrário, “estamos indo sempre para casa”<sup>5</sup> disse ele. Se, por um lado, os outros membros queriam sua volta, por outro, André aceita voltar porque nunca quis de lá sair: afinal, o que mais quer agora é o seu lugar à mesa.

<sup>5</sup> *Ibid*, p. 36.

A fuga de André expunha a família a um mal estar. Mais que isso, a saída dele adoecia a mãe e amargurava a irmã Ana. Numa família, com os papéis já ordenados, a ferida aberta pelo filho balançou as estruturas da casa, derrubando as colunas da ordem. André reencarna a figura do filho pródigo – no romance só há a partida e o retorno. Porém a festa ofertada ao filho, pelo seu retorno, transformou-se numa tragédia. Ele não retornou para aplacar as feridas da família, mas para escancará-las. As quinquilharias dos cabarês, guardadas por André em uma mala, são descobertas por Ana, que as usa. Veste-se do profano para infringir o sagrado, furar a lei paterna.

O pai e a mãe

De um lado, um pai extremamente duro, sisudo, autoritário. Dono da lei, da palavra. Do outro, a mãe extremamente carinhosa, falava manso. Ele trabalhava na lavoura do campo, ela na da casa. Segundo André: “... se o pai, no gesto austero, quis fazer da casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição”<sup>6</sup>

<sup>6</sup> *Ibid*, p. 136.

Ora, não é a mãe o primeiro objeto de gozo impossível? O pólo de efervescências? Nela André vê suas primeiras angústias. Diz “eu e a senhora começamos a demolir a casa.”<sup>7</sup> Quando Ana

<sup>7</sup> *Ibid*, p. 68.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 130.

quer fugir do amor, diz-lhe André “que culpa temos nós se fomos acertados para cair na trama desta armadilha?”<sup>8</sup> Na armadilha da mãe, porque ela quer abocanhar o filho/falo. É ela que, pela possessividade, faz do filho seu refém fálico.

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 139.

Conforme Lacan, “detrás dela se perfila toda a ordem simbólica da qual depende esse objeto predominante da ordem simbólica - o falo” É aí que o sujeito se faz alienado, alienado neste desejo. “Amar e ser amado era tudo que eu queria”<sup>9</sup> diz André. Ana quer dizer-lhe não, mas já é tarde, pois não cabe a ela dizer não. Não é o pai representante da lei? Não é a entrada do pai no circuito mãe-filho que vai interditar a relação?

<sup>10</sup> Freud. *Romances familiares* (1908/1996, p. 244)

<sup>11</sup> Nassar. *Lavoura arcaica* (2002, p.48).

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 91.

“O menino tem maiores tendências a sentir impulsos hostis contra o pai do que contra a mãe, tendo um desejo bem mais intenso de libertar-se dele do que dela.”<sup>10</sup> Indiscutivelmente, André é hostil ao pai, os sermões paternos não o atingem: “eram inconsistentes”.<sup>11</sup> Em retribuição, André manda, por Pedro, a caixa com as quinquilharias e escárnio. Os sermões não ecoam dentro do sujeito, porque o pai não se faz lei: “um arroto tosco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai.”<sup>12</sup> A voz que se fazia ouvir era a do avô, agora morto.

<sup>13</sup> *Ibid*, p. 133.

Contra a lei paterna, André responde com a libido, sua “*libido escura*”. Contra a austeridade paterna, há a “*prodigalidade*” do corpo – do corpo da família. André, ao conhecer os corredores da casa, conhece também os corpos desnudos da família. Essa prodigalidade do corpo desencadeia-se no incesto. Por meio de Ana, André desobedece a lei: pois “Quero com urgência o meu lugar na mesa da família.”<sup>13</sup> O seu lugar, como já sabemos, é ao lado da mãe.

## o filho

<sup>14</sup> Freud. *Romances familiares* (1908/1996, p. 243)

Quando ele nasceu, os papéis já estavam definidos. Do lado do pai, já existia Pedro. Sobrava-lhe o lado da mãe. É este que ele vai ter. É o querido da mãe. Conforme Freud, “Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento.”<sup>14</sup> Como podia André libertar-se de seus pais se a pregação foi a de sempre se fazer unido à família, se ele apreendeu que o verdadeiro amor se cultiva no seio fami-

liar? Diz a Ana: “me ajude a me perder no amor da família com o teu amor, querida irmã.”<sup>15</sup> É o amor que sente pela irmã/mãe que o reintegra à família. Trata-se do amor narcísico que não lhe permite direcionar-se a outros objetos. Vale ressaltar, o nome da irmã - Ana - significa o pronome eu em árabe.

<sup>15</sup> Nassar. *Lavoura arcaica* (2002, p.129).

André não podia mesmo se distanciar de casa. É como se ele estivesse preso à imago materna. Diz Lacan (1981) que no complexo do desmame se fundam os sentimentos mais arcaicos e estáveis os quais unem o indivíduo à família.<sup>16</sup> Então, André parece não ter se desvencilhado dessa representação, embora tivesse fugido de casa. Ele foge do lar, mas não escapa da imagem do seu primeiro amor.

<sup>16</sup> Lacan. *A Família*. (1938/ 1981, p. 27)

Por isso, quando Pedro vai buscá-lo, mais do que brigar com o irmão, parece-nos confessar sua impotência. Aquilo que estava tentando esconder, escapa. Facilitado pela escuridão do quarto, pela frouxidão da consciência provocada pelo vinho, o sujeito denuncia-se pelo verbo. Um verbo represado agora estoura: um verbo que explicita a sua história, pois o sujeito se encontra na história, nela está o seu fantasma.

Também com o verbo desenfreado, André desafiou o pai. No retorno, André tenta explicar sua vida ao pai. Aliás, só o pai não percebe a história do filho. Diz o pai: “é muito estranho o que estou ouvindo.”<sup>17</sup> e André responde:

<sup>17</sup> Nassar. *Lavoura arcaica* (2002, p. 164).

Misturo coisas quando falo, não desconheço esses desvios, são as palavras que me empurram, mas estou lúcido, pai, sei onde me contradigo, piso quem sabe em falso... mesmo me confundindo nunca me perco.”<sup>18</sup>

<sup>18</sup> *Ibid*, p. 165.

É lógico ser tudo estranho para o pai, mas é do estranho que André fala. O inconsciente deslizando pelos significantes revela o proibido que o pai não pode saber. Então, o filho não se perde: por hiências se revela o que não pode ser revelado.

Ainda que André lhe pareça “perturbado”, é suportável ouvir do filho sobre a lei infringida, mas quando o real se revela aos seus olhos por meio de Ana – a filha pura profanada – o pai não suporta. O real do corpo é insuportável. Então, à noite, André tentava contar ao pai o “indizível”, mas no dia seguinte: “Ana,

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 188.

coberta com as quinquilharias mundanas da minha caixa, tomou de assalto minha festa, varando com a peste no corpo o círculo que dançava...”<sup>19</sup> e desvelava com o corpo o que André tentara contar por meio das palavras.

Por meio da dança luxuriante, o pai, a família é desmascarada. A lei é varada. O pai, “ferido nos seus preceitos”, surpreendido, diante do corpo libidinoso responde com o “alfange... atinge com um só golpe a dançarina oriental.”<sup>20</sup> Ele quer cortar o mal, o demônio do prazer incestuoso que entrara na sua casa.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 192.

o incesto — um amor morte

Em seu estudo *Totem e Tabu*, Freud assinala: “as proibições totêmicas incluem a proibição contra o incesto verdadeiro como um caso especial.”<sup>21</sup> Nesse trabalho, apresenta um apanhado dos estudos antropológicos até então realizados sobre os nativos australianos, no qual mostra como os grupos evitavam o incesto. Ele descreve ser tamanho o horror que diversas eram as regras de evitação, como, por exemplo, irmãos não podiam ver as irmãs. Quando aqueles chegavam a uma certa idade, mudavam de casa, não podiam nem pronunciar o nome delas. Em relação à mãe, mostra que os modos de tratamento eram os mais formais possíveis.

<sup>21</sup> Freud. *Totem e Tabu* (1913/1996, p. 25)

Freud afirma, diante dessa amostragem, ser enorme o horror ao incesto, pois se havia diversas proibições é porque havia a tentação de cometê-lo. As punições eram também intensamente severas, como, por exemplo, a morte por enforcamento em algumas tribos, a mutilação de corpos em outras. Além disso, a ocorrência do incesto acarretava ao grupo, segundo suas crenças, castigos e calamidades de todos os tipos. Assim, o incesto passa a ser considerado um tabu.

O tabu é compreendido por Freud como uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora, e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos. Apesar disso, o desejo de violá-lo persiste no inconsciente.

Assim, Freud passa a relacionar essa antiga proibição ao recente ensino da psicanálise: “a primeira escolha de objetos para amar por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibi-

dos: a mãe e a irmã”<sup>22</sup>

Evidentemente, em tantos outros estudos, a psicanálise vai mostrar-nos que o desejo não morre, ele é tão somente recalcado. Tantas evitações que os antigos faziam para se afastarem do incesto são comparadas por Freud aos rituais típicos na manifestação de uma neurose obsessiva.

Assim, em Totem e Tabu, os irmãos se unem para matar o pai, mas a morte dele, por sua vez, faz mais um laço de parentesco entre os irmãos: todos estão sob a égide da proibição do incesto.

Evidentemente, quando falamos em parentesco, vale lembrar que, conforme Lévi-Strauss, não se exprime unicamente numa nomenclatura; os indivíduos ou as classes de indivíduos que utilizam os termos sentem-se obrigados uns em relação aos outros a uma conduta determinada: respeito ou familiaridade, direito ou dever, afeição ou hostilidade. Para instituir a civilização, o tabu ao incesto faz-se necessário. Ele garante a exogamia, as alianças fora do grupo e entre grupos, além de favorecer a mistura genética.<sup>23</sup>

A família apresentada no romance é a tradicional, mas o drama que nela existe é inerente a qualquer uma. A família de André se entrelaça por traços consangüíneos, parentescos e dolorosos. O romance, *Lavoura Arcaica*, não se destina a falar da família patriarcal. Embora se valha dela, a narrativa fala do amor que corrói o humano. Fala do amor que não se fez renúncia, do romance familiar.

Segundo Roudinesco, “o romance familiar freudiano supunha com efeito que o amor e o desejo, o sexo e a paixão estiveram inscritos no cerne da instituição do casamento.”<sup>24</sup> No complexo de Édipo há o desejo recalcado de matar o pai e casar-se com a mãe.

Para constituir-se família, o tabu ao incesto faz-se necessário. Segundo Freud, a sociedade repudia o incesto porque ele nos revela o que há de mais primitivo em nossos sentimentos. Ele desvela o recalque. Roudinesco, interpretando as lições de Lacan, diz:

O complexo de Édipo estava inscrito no âmago da personalidade humana e sua estrutura triangular verificava-se nas mais diversas culturas. Em sua forma positiva tinha a ver com o desejo de morte em relação ao rival do mesmo sexo e com o desejo sexual pela pessoa do sexo oposto; em sua forma negativa, com o

<sup>22</sup> *Ibid*, p.35.

<sup>23</sup> Lévi-Strauss. *Antropologia cultural* (1993).

<sup>24</sup> Roudinesco. *A família em desordem* (2002, p.88).

amor pelo progenitor do mesmo sexo e com ciúme em relação ao progenitor do sexo oposto. Nessa perspectiva, a estrutura triangular do complexo obtinha eficácia da proibição do incesto. Essa proibição era, para Freud, a condição de toda cultura: o incesto era um fato anti-social ao qual a humanidade tivera de renunciar para poder existir.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 157-58.

Através da teoria psicanalítica sabemos que o recalcamen-  
to bem sucedido resulta da renúncia que o indivíduo realiza de  
seu desejo incestuoso pelo pai e pela mãe, a fim de conseguir se  
identificar com uma das figuras parentais e estruturar seu supe-  
reu. Em *Lavoura Arcaica*, André tenta desviar-se da barreira do  
incesto com a mãe, porém cai na teia incestuosa amando a irmã,  
ou seja, o lugar da sua própria mãe é ocupado pela irmã. O inces-  
to foi facilitado pelas carícias da mãe “vem coração, vem brincar  
com teus irmãos.”<sup>26</sup> Na trama de Raduan Nassar, o incesto não  
só gera confusão de papéis e ambivalência de sentimentos, como  
também traz à tona o amor proibido, o ato vergonhoso. Esse  
amor invoca a morte para restaurar a lei.

<sup>26</sup> Nassar. *Lavoura arcaica* (2002, p.33).

### referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. Romances Familiares. In: *Obras Completas*. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. IX.
- FREUD, Sigmund O Estranho. In: *Obras Completas*. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.
- FREUD, Sigmund Totem e Tabu. In *Obras Completas*. Edição Standart. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIII.
- LACAN, Jacques. *A Família*. Lisboa: Assírio&Alvin, 1981.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Cultural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- ROUDINESCO, Jacques Lacan: *Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## RESUMO

Esta comunicação almeja compreender o “complexo familiar” em *Lavoura Arcaica*, romance de Raduan Nassar. Como se estruturava a família do protagonista? Quem é o progenitor de André? Fez valer a lei? Possibilitar o entendimento do drama da personagem e revolver inquietações dos leitores, pois, ao se defrontarem com os dramas familiares, encontram-se na encruzilhada dos desejos amar/odiar, alienar-se/separar-se da mãe em busca de seu próprio caminho. Freud, Lacan e Roudinesco serão psicanalistas utilizados nessa compreensão. Enfim, num momento em que se questiona se famílias ditas “modernas” provocam ou não desestruturas doloridas em seus entes, este trabalho mostra que, na dita família “tradicional”, há imensas outras possibilidades de desmantelo. Afinal, não se trata de moderno ou arcaico, trata-se da “lavoura”, isto é, da elaboração do conflito edípiano.

## palavras-chave

psicanálise, família, incesto, literatura.

## abstract

This communication has the purpose of understanding the “familiar complex” in *Lavoura Arcaica* Raduan Nassar’s novel. How was the protagonist’s family structured? Who is André’s father? Did he make the law to be valid? To make possible the comprehension of the character’s drama and to dig the readers’ fidgets, who, when face familiar dramas, find themselves in the crossroads of loving/hating desires, becoming insane/breaking up with his/her mother searching for his/her own way. Freud, Lacan and Roudinesco will be the psychoanalysts used in the understanding. At last, at a moment when we ask if the so-called “modern” families provoke painful disorders in their beings, this work shows that in the so-called “traditional” family there are many other possibilities of dismantles. After all it’s not matter of being modern or archaic, we are talking about the “farming”, that is, the elaboration of the edipian conflict.

## key words

Psychoanalysis, Family, Incest, Literature.

## recebido

21/10/2007

## aprovado

30/10/2007